

COLUNA DO CASTELLO

De conservadores e progressistas

ALGUMAS coisas são previsíveis no processo de convocação, eleição e reunião da Assembléia Nacional Constituinte. Uma delas é a polarização, de que nos fala o Deputado Egidio Ferreira Lima, entre "conservadores e progressistas" já em pleno andamento. A outra é a reaglutinação partidária conseqüente a essa polarização e às nuances de opinião existentes dentro de cada uma das tendências principais.

O Presidente José Sarney não formaria à esquerda, como poderia indicar seu projeto de reforma agrária que tanto inquietou governadores do Nordeste e setores ligados ao empresariado rural do país. É verdade que ele é menos conservador do que Tancredo Neves, mas sua vertente situa-se no centro liberal dentro do qual, se houver uma ruptura entre as correntes em aglutinação mas em confronto, terá de situar o seu Governo e a sua atuação política.

O Ministro Marco Maciel, um dos principais inspiradores e organizadores do Partido da Frente Liberal, admitiu, ao lançar seu livro no qual examina a formação do PFL, a reaglutinação das forças que o compõem com os remanescentes do PDS que, sem terem até aqui abandonado a legenda, apoiaram a candidatura Tancredo Neves ou pelo menos não apoiaram a candidatura Maluf. Essa reaglutinação do PDS poderá ser ampliada, conforme sugestão expressa do Senador Luís Viana Filho, que prevê a formação de um grande partido de centro-esquerda para dar respaldo a partir do próximo ano ao Governo Sarney.

É claro que o pensamento do Senador pela Bahia tem a mesma inspiração do pensamento do Deputado Ferreira Lima, que se tem reunido com frequência com os deputados Miguel Arraes e Francisco Pinto, os quais deixaram clara a conveniência de um reexame da atitude política do PMDB de modo a não permitir que ele se torne mero partido de referend. a decisões de Governo adotadas nem sempre com a consulta do partido.

Esse grupo de pemedebistas, composto de pelo menos 60 deputados, é o que compõe a esquerda independente, designação com a qual se diferencia dos partidos comunistas, do PT e do PDT brizolista. No Senado o grupo tem representatividade e seu elemento mais ostensivo é o Senador Severo Gomes, o qual se dedica igualmente a promover debates em sua casa com pessoas que, dentro do PMDB, pensam como ele e que se inserem na vertente progressista, mais pela vocação nacionalista do que pela diretriz socialista.

A liberalização da legislação sobre partidos produzirá seus efeitos, em tempo. Mas

deve-se prever que o pleito deste ano para escolha de prefeitos das Capitais poderá gerar o primeiro abalo sísmico na Aliança Democrática de modo a aconselhar reaglutinação de forças. Não se deve esquecer que, tradicionalmente, no ex-MDB e, depois, no PMDB duas formações políticas disputaram o comando partidário. Hoje esses grupos chamam-se progressista e grupo Unidade. São os antigos moderados e radicais ou que outro nome tenham adotado no curso da sua existência.

O Deputado Ulysses Guimarães ascendeu à presidência do partido em nome dos moderados, na base dos quais se situavam Tancredo Neves e o Deputado Thales Ramalho. Com a formação do PP, o presidente do PMDB reforçou sua posição com a própria radicalização, tornando-se expressão de um partido agressivamente oposicionista, discurso que ele soube desenvolver com competência. A reincorporação dos dois partidos manteve a divisão básica, ganhando em número o PMDB mas suscitando a liderança do Deputado paulista a uma composição na qual montaram os governadores de São Paulo e Minas para suplantar as aspirações do presidente do partido com a candidatura de Tancredo Neves.

Basta examinar a comissão do PMDB em cada Estado para saber que a divisão perdura e há uma relativa igualdade de forças entre as duas correntes. Uma radicalização produzida pela eleição municipal ou pelo debate em torno da futura Constituição dificilmente preservaria a unidade do grande partido, abrindo-se caminho para que se concretize a previsão do Senador Luís Viana da formação de um novo grande partido, integrado por ex-pedestistas e ex-pemedebistas, para apoio do Governo da República.

As suspeitas levantadas na esquerda quanto ao ato rotineiro de designar uma comissão incumbida de elaborar um projeto de Constituição, que em nada obriga a Constituinte, antecipam um debate ideológico que impugna a tendência do centro liberal e propugna por uma Constituição progressista, ou seja, nitidamente nacionalista e de inclinação socializante. A sociedade brasileira oferece sintomas sérios desta distribuição de tendências. A juventude universitária, a própria universidade, os órgãos representativos das entidades civis e religiosas, que sofreram o impacto da luta contra o regime militar, constituem a base do progressismo. Mas a força dominante da sociedade brasileira, ainda das suas classes econômicas dirigentes na cidade e no campo e, nessa vertente, estará o futuro do Governo Sarney, que se atribui a missão de mudar, conciliando.

A propósito dos anteprojetos de Constituição, basta lembrar que o Presidente Castello Branco, que também nomeou uma comissão de juristas, abandonou o projeto inicial, fazendo uma opção orientada pelo ex-Ministro Roberto Campos e alterada politicamente pelos Senadores Daniel Krieger e Afonso Arinos, resíduos liberais que conviviam com o processo ditatorial.

CARLOS CASTELLO BRANCO